



V CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA E FORMAÇÃO DOCENTE - CIMFor

Temas emergentes em Educação: Docência em movimento no contexto atual
10 a 13 de setembro de 2024

A RELEVÂNCIA DAS EXPERIÊNCIAS E IDENTIDADES DOCENTES PARA O MOVIMENTO DA INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA

Fernanda Marchiori Grave¹
Clodis Boscaroli²
Rodolfo Eduardo Vertuan³

Resumo

Este artigo explora a relevância das experiências e identidades docentes no contexto do Movimento da Insubordinação Criativa. Esse movimento busca desafiar normas e práticas estabelecidas pelo sistema e pela cultura escolar por meio de abordagens inovadoras e subversivas. Ao analisar as teorias de Paulo Freire sobre educação libertadora e pedagogia crítica, além de outras contribuições contemporâneas, o estudo argumenta que a valorização das experiências individuais e coletivas, bem como o reconhecimento das identidades diversas, são fundamentais para o Movimento da Insubordinação Criativa, e conclui que a insubordinação criativa não só promove a transformação social, mas também fortalece as experiências e identidades dos docentes.

¹ Doutoranda em Educação em Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Mestra em Educação em Ciências e Educação Matemática pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Licenciada em Matemática pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). É docente no Instituto Federal do Paraná (IFPR) - Campus Avançado Barracão. E-mail: fermgrave@gmail.com

² Doutor em Engenharia Elétrica pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Informática pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Bacharel em Informática pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). É professor associado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Cascavel, Paraná, Brasil. E-mail: boscaroli@gmail.com

³ Professor do Magistério Superior da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Câmpus Toledo. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional, em Ensino de Matemática (PPGMAT) da UTFPR, Londrina e Cornélio Procópio; e do Programa de Pós-Graduação, Mestrado e Doutorado, em Educação em Ciências e Educação Matemática (PPGECM) da UNIOESTE, Cascavel. Possui Licenciatura em Matemática (2004), Especialização em Educação Matemática (2005), mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática (2007) e doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática (2013) pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: rodolfovertuan@yahoo.com.br.

Palavras-chave: Insubordinação Criativa. Experiência. Identidade.

Eixo Temático: Seção 05 - Formação de professores em Educação em Ciências e Educação Matemática

INTRODUÇÃO

Nesta oportunidade de escrita, tratamos sobre a importância das experiências e identidades docentes para o Movimento da Insubordinação Criativa. O Movimento da Insubordinação Criativa, caracterizado pela resistência e inovação frente a normas e práticas convencionais, tem ganhado destaque como um meio eficaz de promover mudanças educacionais e sociais. Neste contexto, as experiências e as identidades docentes emergem como componentes centrais para a construção de práticas subversivas e criativas. Este artigo investiga como a valorização das experiências e das diversas identidades docente, contribui para a efetividade do Movimento da Insubordinação Criativa, utilizando como base teórica as ideias de Paulo Freire e outros pensadores críticos.

FUNDAMENTOS DA INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA

Em relação à Insubordinação Criativa e seu surgimento, segundo D'Ambrosio e Lopes (2014), os primeiros estudos sobre o tema foram realizados em 1981 por Morris, a partir de uma pesquisa etnográfica em escolas de Chicago. Essa pesquisa buscou identificar ações de tomada de decisão de diretores que transgrediram diretrizes superiores. O estudo revelou que alguns gestores desobedeciam a ordens para melhorar o bem-estar da comunidade educacional, preservando princípios éticos, morais e de justiça social. Posteriormente, Hutchinson (1990) conduziu um estudo com enfermeiros, introduzindo o termo "subversão responsável" para descrever a prática de descumprir regras em benefício do paciente. Ele identificou etapas dessa prática: a) avaliação da situação; b) previsão do melhor a ser feito; c) flexibilidade em relação às regras estabelecidas; d) conclusão ética e social do procedimento.

No Brasil, o tema emergiu nas décadas de 1980 e 1990, no campo da Educação Matemática, com várias pesquisas ganhando notoriedade internacional por abordar a injustiça social resultante de décadas de exclusão política, educacional e segregação

cultural. Após anos de pesquisas, discussões e ações, a questão da justiça social na Educação Matemática consolidou-se como um campo fértil para estudos futuros. Nos Estados Unidos, Gutiérrez (2013) e, no Brasil, D'Ambrosio e Lopes (2014, 2015) dedicaram-se a estudar e estabeleceu-se uma nova área de investigação: a Insubordinação Criativa no contexto da Educação Matemática.

D'Ambrosio e Lopes (2014) consideram o conceito de subversão responsável (Hutchinson, 1990) como sinônimo de insubordinação criativa. Nesse contexto, o professor, exercendo sua autonomia, insubordina-se às regras de maneira criativa, interpretando, discordando, refletindo, reorganizando a situação e atuando subversiva e responsabilmente de maneira ética e habilidosa, visando uma melhor aprendizagem para seus estudantes. A Insubordinação Criativa emerge como uma atitude criativa e independente, rompendo com o estabelecido de maneira responsável "...em prol da melhoria e do bem-estar da comunidade educacional, preservando princípios éticos, morais e de justiça social" (D'Ambrosio; Lopes, 2014, p. 2).

No âmbito educacional, ações de insubordinação criativa se destacam como uma forma de educação de resistência, de luta contra ideias limitantes e reivindicação de espaço para práticas historicamente marginalizadas. Assim, a Insubordinação Criativa inaugura um novo processo, tanto em forma quanto em consequências, sempre sustentada em um tripé: Criatividade, Autonomia e Cooperação, compreendida como um movimento constante.

A Educação Matemática é um campo em constante evolução. Clareto e Miarka (2015) destacam que o movimento da Educação Matemática ganhou importância a partir da própria Matemática, estabelecida como uma área de conhecimento aceita, reconhecida, institucionalizada e antiga. Januario e Tinti (2019) observam que a Educação Matemática se constitui por meio das ações de estudantes, professores, formadores e pesquisadores, que conectam suas experiências, saberes e questionamentos na problematização das diversas abordagens matemáticas. Eles entendem os processos de educar matematicamente como aliados à produção e divulgação do conhecimento científico, desenvolvendo sua profissionalidade. Com base nessas ideias, avançamos na concepção do que entendemos por Movimento de Insubordinação Criativa.

O Movimento de Insubordinação Criativa oferece possibilidades para uma perspectiva inovadora e estimulante para a formação docente, podendo capacitar educadores para se tornarem agentes de mudança na sociedade. Diante da complexidade e

dinamismo do contexto educacional atual, é essencial repensar os processos de formação de professores, buscando estratégias que valorizem a criatividade, a autonomia e a reflexão crítica. A perspectiva transformadora promovida pelo Movimento de Insubordinação Criativa pode inspirar mudanças significativas na prática docente e na construção de uma educação mais democrática, inclusiva e humanizadora. No entanto, para que essas transformações ocorram, é necessário o engajamento de todos os atores envolvidos no processo educativo, bem como o apoio de políticas públicas que fomentem a inovação e a experimentação pedagógica.

Defendemos que o Movimento da Insubordinação Criativa pode ser compreendido através do legado Paulo Freire, que destaca a importância do diálogo, da conscientização e da ação transformadora. Freire (1980) argumenta que a educação deve ser um processo de libertação, onde educadores e educandos trabalham juntos para questionar e transformar a realidade. Dessa forma, Freire (1980) introduz o conceito de dialogicidade, que se refere à essência do diálogo como um processo colaborativo de construção do conhecimento. Segundo Freire (1982), o diálogo verdadeiro permite que os indivíduos expressem suas experiências e identidades, criando um ambiente propício para a insubordinação criativa. Ao valorizar a experiência e identidade dos educandos, a pedagogia crítica promove a conscientização e a ação transformadora, fundamentais para o Movimento da Insubordinação Criativa.

A EXPERIÊNCIA E IDENTIDADES NO ALINHAR DESSE MOVIMENTO

Acreditamos que a experiência e a identidade dos educadores desempenham um papel fundamental na prática pedagógica e na construção de uma educação verdadeiramente emancipadora e transformadora. Ao reconhecer e valorizar as múltiplas experiências e identidades presentes na sala de aula, os educadores podem criar um ambiente de aprendizado mais inclusivo, diversificado e enriquecedor.

Para Freire (1982), a experiência não se limita apenas ao acumular de informações ou vivências, mas é fundamentalmente um processo de reflexão crítica sobre a realidade vivida, e é através dessa reflexão que os indivíduos se tornam conscientes de si mesmos, de sua posição no mundo e das relações sociais que os cercam. Logo, a experiência, então,

não é algo estático, mas sim dinâmico e transformador. Ela envolve ação, reflexão e diálogo constante com o mundo e com os outros. Por meio desse processo dialógico, os sujeitos são capazes de compreender sua realidade de forma crítica e transformá-la em busca de uma maior justiça social e liberdade. Assim, pelo que compreendemos das obras de Freire, a experiência é um elemento central no processo de conscientização e emancipação dos indivíduos, permitindo-lhes compreender sua realidade de forma mais profunda e atuar de maneira consciente e transformadora no mundo (Freire, 1980, 1982).

Assim, a experiência para o docente é uma fonte valiosa de conhecimento e sabedoria que pode enriquecer o processo educativo de maneiras únicas. Cada educador traz consigo uma bagagem específicas de experiências pessoais, profissionais e culturais que influenciam sua prática pedagógica. Essas experiências podem informar as abordagens de ensino, as estratégias de aprendizado e as interações com os educandos, tornando o processo educativo mais significativo e relevante. Logo, a experiência desempenha um papel fundamental na construção das identidades docentes, onde, a experiência é essencial à construção da identidade docente, fornecendo oportunidades de aprendizado, crescimento e desenvolvimento profissional ao longo de suas carreiras.

No entanto, é importante reconhecer que nem todas as experiências são valorizadas da mesma forma na sociedade. Muitas vezes, as experiências de grupos marginalizados, como mulheres, pessoas negras, indígenas, LGBTQ+ e pessoas com deficiência, são desvalorizadas e sub-representadas no currículo escolar e na prática educativa, o que pode levar à perpetuação de estereótipos e preconceitos, reforçando as desigualdades existentes na sociedade.

É aqui que entra o Movimento da Insubordinação Criativa, como um movimento que pode fornecer a capacidade de questionar as estruturas de poder que moldam nossa sociedade, imaginando e criando formas de ser e agir no mundo. Isso requer uma disposição para desafiar o *status quo* e para reconhecer e valorizar as experiências e identidades que tradicionalmente foram marginalizadas e silenciadas.

No âmbito educacional, ações de insubordinação criativa se destacam como parte de uma educação menor, de gueto, de luta, de resistência a ideias limitantes que reivindicam seu espaço pelo tempo com o qual sempre foram realizadas. A insubordinação criativa inaugura um outro processo, tanto em forma quanto em consequências (Souza e Brião, 2017, p. 151).

Diante disso, a identidade docente também desempenha um papel crucial na prática educativa. A forma como os educadores se vê e é vistos pelos outros pode influenciar significativamente suas interações com os alunos, suas abordagens de ensino e sua capacidade de promover um ambiente de aprendizado inclusivo e acolhedor. Portanto, é importante que os educadores estejam conscientes de sua própria identidade e das maneiras como ela pode influenciar sua prática pedagógica.

No entanto, consideramos a identidade docente como algo não fixo ou imutável. Ela sim, é moldada por uma série de fatores, incluindo experiências pessoais, histórico-cultural, formação profissional e contexto social. Como educadores, temos o poder de refletir criticamente sobre nossa identidade e de reconstruí-la de maneiras que promovam a justiça social, a equidade e a inclusão.

Garcia (2010) discute o conceito de identidade docente, uma construção complexa que vai além da mera definição de um professor como alguém que ministra aulas. Então, a identidade docente envolve as características particulares e as qualidades que tornam um professor reconhecível como tal. Isso inclui não apenas o conhecimento técnico e pedagógico, mas também aspectos pessoais, valores, experiências de vida e a relação com a profissão e com os alunos.

Assim, a identidade docente é moldada por diversos fatores, como a formação acadêmica, as experiências de ensino, as interações sociais, as políticas educacionais, entre outros. Ela é dinâmica e pode estar sujeita a mudanças ao longo da carreira do professor, conforme ele adquire novas experiências, reflete sobre sua prática e se adapta a novos contextos. Entretanto, a construção da identidade docente também pode ser permeada por conflitos e desafios. Por exemplo, o professor pode se deparar com expectativas divergentes da sociedade, da instituição de ensino, dos colegas e dos próprios alunos, o que pode gerar tensões entre sua identidade profissional e sua identidade pessoal.

Destarte, consideramos que a identidade docente não pode ser reduzida a uma simples definição, pois é um conceito multifacetado que reflete a complexidade da profissão de professor e das relações que ele estabelece no contexto educacional.

Refere-se a um conjunto de características, experiências e posições de sujeito atribuídas (e autoatribuídas) por diferentes discursos e agentes sociais aos docentes no exercício de suas funções, em instituições educacionais mais ou menos complexas e burocráticas (Garcia, 2010, s.p)

Uma das maneiras pelas quais os educadores podem promover a Insubordinação Criativa e valorizar a diversidade de experiências e identidades é através da incorporação de perspectivas interculturais e críticas em sua prática pedagógica. Isso envolve o reconhecimento e a valorização das múltiplas formas de conhecimento e sabedoria presentes na sala de aula, bem como o engajamento ativo com questões de poder, privilégio e injustiça.

Na perspectiva de Dubar (2005), a identidade ressalta sua natureza dinâmica e contextualizada. Segundo ele, todas as identidades são construções sociais e linguísticas que estão intimamente ligadas ao contexto histórico e social em que se inserem. Isso significa que as identidades não são entidades fixas ou essenciais, mas sim produtos de processos sociais e discursivos que podem variar ao longo do tempo e em diferentes contextos. O autor ainda destaca que apesar de algumas identidades poderem ser percebidas como essenciais ou atemporais, onde elas são resultado de racionalizações e interpretações que as fazem parecer dessa forma. Na realidade, as identidades são fluidas e sujeitas a mudanças, tanto em nível individual quanto coletivo. Logo, a identidade é concebida como um resultado que é ao mesmo tempo estável e provisório. Ela é influenciada por uma série de processos de socialização que ocorrem tanto no âmbito individual quanto no âmbito social, combinando elementos subjetivos e objetivos, biográficos e estruturais.

Essa abordagem, ressalta a complexidade da identidade humana, mostrando como ela é moldada por uma interação constante entre fatores pessoais e sociais, individuais e coletivos. Além disso, os educadores podem promover a insubordinação criativa ao desafiar ativamente as normas e expectativas que limitam a expressão e a celebração da diversidade. Isso pode incluir a incorporação de conteúdos e materiais que representem uma ampla gama de perspectivas e experiências, bem como o desenvolvimento de estratégias de ensino que incentivem a participação e o engajamento de todos os educandos, independentemente de sua origem ou identidade.

Antagonicamente, Santos (2023, p. 116) alude que “é importante conceituar novamente Identidade, reforçando que não se pode compreendê-la como algo definido, estável e imutável, muito pelo contrário”. A reflexão sobre identidade como algo múltiplo e em constante construção é bastante relevante. Isso significa que nossa identidade não é fixa ou estática, mas sim fluida e moldável ao longo do tempo e das experiências. Como

indivíduos, podemos ter várias identidades que coexistem dentro de nós, cada uma influenciada por diferentes contextos, relacionamentos e papéis que desempenhamos na vida. Essa compreensão da identidade como algo plural e flexível tem implicações significativas, especialmente no contexto educacional. Por exemplo, ao reconhecer a diversidade de identidades dos professores, podemos promover um ambiente mais inclusivo e acolhedor nas escolas, valorizando e respeitando as diferentes experiências e perspectivas que cada educador traz consigo.

Parece-nos clichê dizer que todas as pessoas são diferentes, mas cabe aqui a nostalgia, pois, pensarmos em diferenças nos faz refletir: temos diferença nas roupas das pessoas; nas personalidades; nos modos de agir; nos tons da pele; nos gostos musicais, enfim, em uma infinidade de coisas que tornam as pessoas únicas, bem assim são as memórias, únicas e diferentes para cada pessoa (Santos, 2023, p. 117).

Além disso, ao compreender a natureza fluida da identidade, podemos nos libertar das expectativas e pressões para nos encaixarmos em uma única categoria ou definição. Isso nos permite explorar e expressar livremente diferentes aspectos de quem somos, promovendo um senso mais autêntico de autoconhecimento e aceitação. Portanto, considerar a identidade como algo pluralizado e em constante evolução nos convida a adotar uma abordagem mais inclusiva e dinâmica em relação a nós mesmos e aos outros.

A importância das identidades no plural para o ser docente reside na compreensão de que cada educador é uma pessoa única, composta por múltiplas facetas de identidade que influenciam sua visão de mundo, sua prática pedagógica e sua relação com os educandos. Reconhecer e valorizar essa diversidade de identidades é essencial para promover uma educação inclusiva, equitativa e significativa.

Em primeiro lugar, as identidades no plural reconhecem a complexidade da experiência humana. Cada educador traz consigo uma série de identidades interseccionais - como gênero, raça, etnia, sexualidade, classe social, religião, entre outras - que moldam suas perspectivas, experiências e valores. Ao reconhecer e valorizar essa diversidade de identidades, os educadores podem criar um ambiente de aprendizado mais rico e estimulante, onde todos os educandos se sintam representados e valorizados.

A identidade não é somente constructo de origem idiossincrática, mas fruto das interações sociais complexas nas sociedades contemporâneas e expressão sociopsicológica que interage nas aprendizagens, nas formas cognitivas, nas ações dos seres humanos. Ela define um modo de ser no mundo, num dado momento, numa dada cultura, numa história. Há, portanto, de ser levada em

conta nos processos de formação e profissionalização dos docentes (Gatti, 1996, p. 86).

Além disso, as identidades no plural promovem uma maior empatia e compreensão entre os educadores e os educandos. Ao reconhecer e respeitar as diferentes identidades presentes na sala de aula, os educadores podem estabelecer conexões mais profundas e autênticas com os educandos, criando um ambiente de confiança e colaboração. Isso é especialmente importante para os educandos que pertencem a grupos marginalizados ou minoritários, que muitas vezes se sentem excluídos ou invisíveis na escola.

De outro modo, Nóvoa (2000), destaca a complexidade do processo de construção de identidades, especialmente no contexto profissional, como o docente. Ele enfatiza que esse processo envolve a apropriação do sentido da história pessoal e profissional de cada indivíduo. Onde segundo Freire (1980, 1982), essa apropriação não acontece de forma imediata, mas sim ao longo do tempo, exigindo períodos de reflexão, adaptação e assimilação de mudanças. É necessário um tempo para que os profissionais possam reconfigurar suas identidades, integrar inovações e se ajustar a novos contextos e demandas.

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor: E vice-versa (Diz-me quem és, dir-te-ei como ensinas) (Nóvoa, 1995, p. 34-35).

As identidades no plural também promovem uma maior consciência e reflexão por parte dos educadores sobre sua própria posição de privilégio e poder. Ao reconhecer as maneiras pelas quais suas identidades influenciam sua visão de mundo e sua prática pedagógica, os educadores podem se tornar mais sensíveis às necessidades e experiências dos educandos que pertencem a grupos marginalizados. Isso pode levar a uma prática pedagógica mais justa, equitativa e inclusiva, que promove o sucesso de todos os educandos, independentemente de sua origem ou identidade. Como expõe Bernadette Gatti (1996, p. 85):

Em sociedades que sofrem grandes e rápidas mutações como a nossa, podemos detectar, na construção e na forma que toma o papel social dos professores, e também nas propostas para sua formação, uma questão de fundo, pouco trabalhada nas pesquisas, que mereceria ser examinada e levada em conta, dado que ela é a base do seu modo de ser social: trata-se da questão da identidade do professor.

Além disso, as identidades no plural promovem uma abordagem mais flexível e adaptável à prática pedagógica. Reconhecer que cada estudante é único e traz consigo uma série de identidades interseccionais significa que os educadores precisam adotar uma abordagem diferenciada e personalizada ao ensino. Isso envolve reconhecer e valorizar as diferentes formas de conhecimento e expressão presentes na sala de aula, bem como adaptar as estratégias de ensino para atender às necessidades e interesses individuais dos educandos.

No entanto, promover o Movimento Insubordinação Criativa e valorizar a diversidade de experiências e identidades na sala de aula não é tarefa fácil. Isso requer uma disposição para confrontar o desconforto e a resistência que surgem quando nossas próprias crenças e práticas são desafiadas. Isso também requer uma abordagem colaborativa e solidária, onde os educadores trabalham juntos para criar um ambiente de aprendizado mais inclusivo e acolhedor. Na concepção de Celi Lopes, em entrevista concedida a Pita, Lopes e Roncado (2022):

O Educador não pode ser nunca conformado. Devemos sempre ser inconformados, porque sempre estamos buscando fazer diferente. Não temos o direito de ser conformados e acomodados, temos que ser inquietos, temos que ser inconformados, temos que provocar a criticidade dos nossos alunos. Então, temos que ser críticos, temos que ser autocríticos.

À medida que enfrentamos os desafios diários, dentro do ambiente escolar, desde as mudanças climáticas até a desigualdade econômica e social, a necessidade de uma educação crítica, inclusiva e transformadora nunca foi tão urgente. Como educadores, temos o dever de promover a insubordinação criativa e valorizar a diversidade de experiências e identidades na sala de aula, criando um ambiente de aprendizado que capacite todos os educandos a alcançarem seu pleno potencial. Acreditamos que a experiência e a identidade dos educadores são recursos valiosos que podem ser mobilizados para promover uma educação mais justa, inclusiva e emancipatória. Como Freire (1982) tão eloquentemente afirmou, a educação é a prática da liberdade, e cabe a nós, educadores, cultivar esse espírito de liberdade em nossas salas de aula e comunidades.

[...] compreendemos que esse reconhecimento angustiante da realidade, nos leva a nos perceber, enquanto docentes, como oprimidos, mas motivados por uma

busca pelo novo, pelo fazer diferente. Porém, sabemos que a libertação acontece por meio de uma busca, por vezes, dolorida, pois é preciso se rebelar, debater-se, “virar a mesa” e se conhecer. Conhecer a situação que se encontra, refletir e passar a ter ações que podem ser melhores para outros e para si (Pita, Lopes e Roncado, 2022, p. 35).

Sob o ponto de vista de Freire (1980), a educação para a liberdade envolvia uma abordagem dialógica, na qual educadores e educandos participavam ativamente do processo de aprendizagem, compartilhando conhecimentos, experiências e reflexões, e em que se fazia importante uma pedagogia que reconhecesse a realidade social e cultural dos alunos, permitindo-lhes compreender criticamente o mundo em que viviam e capacitando-os a transformá-lo. Nessa linha de pensamento, enfatizamos a necessidade de uma educação que promova a consciência crítica, o questionamento das estruturas de poder e a busca por uma sociedade mais justa e igualitária, pois a verdadeira educação deveria capacitar as pessoas a se tornarem agentes de mudança em suas próprias vidas e na sociedade como um todo, lutando contra a opressão e promovendo a liberdade e a emancipação.

Portanto, acreditamos que as experiências são essenciais para a construção das identidades, onde as identidades no plural promovem uma educação mais rica, inclusiva e significativa que prepara os educandos para viver em uma sociedade diversificada e globalizada. Ao reconhecer e valorizar a diversidade de identidades presentes na sala de aula, os educadores podem criar um ambiente de aprendizado que celebra a riqueza e a complexidade da experiência humana, promovendo a compreensão mútua, o respeito pela diferença e o empoderamento de todos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A MAIS

A experiência é uma fonte de conhecimento vital no processo educacional e transformador, onde a experiência é central para o aprendizado significativo e o conhecimento é construído a partir da interação com o mundo real. Quanto ao Movimento da Insubordinação Criativa, as experiências individuais e coletivas são essenciais para identificar e desafiar normas opressivas. As experiências vividas fornecem um contexto rico para a reflexão crítica e a inovação. Por exemplo, educadores que incentivam os

alunos a compartilhar suas histórias pessoais criam um ambiente onde a diversidade de experiências pode gerar novas perspectivas e soluções criativas para problemas sociais.

As identidades, assim como as experiências, desempenham um papel crucial na insubordinação criativa. Identidades diversas e frequentemente marginalizadas trazem perspectivas únicas e inovadoras que desafiam as narrativas dominantes. Logo, a identidade é um processo contínuo de construção, influenciado por fatores sociais, culturais e históricos.

Então, a Insubordinação Criativa se beneficia da multiplicidade de identidades, pois cada grupo traz suas próprias formas de resistência e criatividade. Movimentos sociais que incorporam a insubordinação criativa frequentemente se baseiam na diversidade identitária para fortalecer sua luta contra a opressão. Por exemplo, o movimento feminista interseccional destaca a importância de considerar múltiplas identidades (gênero, raça, classe) na luta por igualdade, promovendo uma abordagem mais inclusiva e eficaz.

Portanto, a experiência e as identidades são componentes essenciais para o movimento da insubordinação criativa. Valorizá-las permite a construção de práticas educativas e sociais mais inclusivas e transformadoras. Através da reflexão crítica e da ação coletiva, a insubordinação criativa promove não apenas a resistência contra normas opressivas, mas também a criação de novos caminhos para a emancipação e a justiça social.

Para o Movimento da Insubordinação Criativa, fundamentada nas teorias de Paulo Freire e enriquecida pelas contribuições de outros pensadores críticos, destaca a importância de ouvir e valorizar as vozes diversas em nossa sociedade. Somente pela integração das experiências e identidades de todos os indivíduos é que poderemos alcançar uma transformação social profunda e duradoura.

REFERÊNCIAS

CLARETO, S. M.; MIARKA, R. eDucAçãO MAtEMátICA AefeTIvA: nomes e movimentos em avessos. *Bolema: Boletim de Educação Matemática*, Rio Claro, v. 29, p. 794-808, 2015.

D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. *Trajetórias profissionais de educadoras matemáticas*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático. *Bolema: Boletim de Educação Matemática*, Rio Claro, v. 29, p. 1-17, 2015.

DUBAR, C. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. 1. ed. São Paulo: Martins e Fontes, 2005.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1982.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GARCIA, M. M. Identidade docente. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. (Org.). *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CD-ROM. Disponível em: <https://gestrado.net.br/verbetes/identidade-docente/>. Acesso em: 28 fev. 2024.

GATTI, B. A. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 98, p. 85-90, ago. 1996.

GUTIÉRREZ, R. Strategies for creative insubordination in mathematics teaching. *Teaching for Excellence and Equity in Mathematics*, v. 7, n. 1, 2016.

HUTCHINSON, S. A. Responsible subversion: A study of rule-bending among nurses. *Research and Theory for Nursing Practice*, v. 4, n. 1, p. 3, 1990.

JANUARIO, G.; DA SILVA TINTI, D. Educação Matemática como movimento. *Revemop*, v. 1, n. 3, p. 337-344, 2019.

NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

NÓVOA, A. Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice-versa. In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2004 (1995).

PITA, A. P. G.; LIMA, P.; RONCATO, C. Uma conversa sobre insubordinação criativa com Celi Lopes: como não lembrar daqueles colegas responsavelmente subversivos e ousados! Como não lembrar. *Revista Paranaense de Educação Matemática*, v. 11, n. 24, p. 15-36, 2022.

SANTOS, M. C. A. L. *Identidade docente de professoras do campo: construção e desconstrução*. 2023.

SOUZA, L. O.; BRIÃO, G. F. Insubordinação Criativa: grupo de discussão Currículo e Avaliações. *Revista de Ensino de Ciências e Matemática*, [S. l.], v. 8, n. 4, p. 147–156, 2017. DOI: 10.26843/rencima.v8i4.1499. Disponível em: <https://revistapos.cruzeirodosul.edu.br/rencima/article/view/1499>. Acesso em: 6 abr. 2024.